

Rubem
Braga

CM 9.10.53
DN 31.8.58
Radio 27.1.62

Decoração, acabamentos e etc...

Uma bala de côco pode ser "muito bem"
© Povo 21.8.83

O apartamento está ficando pronto, e todos que vão espiar acham uma beleza. "Agora, sim, você vai ficar bem instalado" — dizem êles, e meu amigo concorda. Oficialmente está feliz. Mas em um momento de depressão me confidenciou:

"Está claro que estou contente, mas vou ter muitos problemas. Quando fui para o apartamento onde moro, alguém me disse para inspecionar as instalações e ver se tudo estava em ordem. Olhei vagamente o fogão, o banheiro, as portas, mas era de manhã, havia sol, havia céu, havia mar lá fora, havia até gaiotas voando, até môças correndo na praia, e achei que tudo estava bem. Como é que podia reparar que o piso da varanda não tinha caimento para a água, que o forno do fogão não funcionava e que a chaminé do aquecedor estava solta e cairia ao primeiro vento noroeste que entrasse pela janelinha basculante do banheiro? Êsse negócio de acabamento me faz infeliz; me fazem perguntas sôbre esquadrias, sôbre revestimento — como é que quero a janela, se eu prefiro isto ou aquilo. Depois virá a questão dos móveis. Eu sei que seria fácil chamar um decorador de bom nome e encarregá-lo de tudo. Por mim mesmo não posso escolher; não tenho gôsto, não imagino como é que as coisas ficam depois de prontas, hesito entre as côres. E o pior é que o bom-gôsto alheio também não me serve. Afinal minha casa tem de ser um pouco minha, tem que ter algo de meu. Mas como, se não sei o que quero?"

E explicou mais:

"Não, pelo amor de Deus não me falem em uma decoração "bem moderna". Estou farto de ver essas gradinhas, êsses

bares gaiatos, êsse amarelinhos, essas cadeiras de pernas finas; e não agüento mais antúrios.

"Vem uma de minhas amigas e promete me conseguir móveis antigos, ela mesma comprará para mim; mas confesso que as marquesas de jacarandá e as cômodas pretas também me entristecem. Eu queria um meio-térmo, algo de sóbrio e de sensato, onde eu me sentisse bem; nada de "decoreção"; decorar é afinal de contas enfeitar — e por que diabo uma casa de homem tem de ser enfeitada?"

"Outro dia fui a um jantar grã-fino; fiquei encantado com a facilidade com que o dono da casa, senhor de riqueza mais ou menos recente, resolve seus problemas. "Decoreção de fulano" — e acabou-se. E o jantar? "Encomendei a sicrano" — e pronto. E olhe que também famílias antigas e ricas estão aderindo a isso, por comodidade; você pode comer a mesma coisa, com o mesmo gôsto, em 20, 30 casas diferentes. Não há uma receita de família, uma cozinheira com um toque pessoal. Eu me lembro que uma vez, há muito tempo, me ofereceram uma bala de côco. Achei gostosíssima. Uma senhora presente também achou, e pediu a receita. Muito delicado, o dono da casa respondeu que lhe mandaria à casa regularmente um sortimento daquelas simples balas de côco; a receita não podia dar, que não era sua, era bem de família, intransferível.

"Você quer saber de uma coisa? Aquela bala de côco valia mais que muita sobremesa elaborada que você encontra em qualquer dicionário de cozinha francesa. Tinha mais caráter..."